

# DA BRASÍLIA VERDE AO CURSO DE PEDAGOGIA

**Maévi Anabel Nono**

Unesp - Departamento de Educação –  
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

No início da década de 1980, vivi uma grande mudança em minha vida. Todos os dias, pela manhã, passei a embarcar em uma Brasília verde em direção à pré-escola. No veículo, dirigido pela mãe de uma colega (em uma época em que poucas mulheres se aventuravam no volante), embarcávamos eu e minhas duas melhores amigas: a Simone e a Simoninha.

Vestidas a caráter, de shortinho vermelho e camiseta branca, equipadas com lancheiras recheadas de pão com molho de tomate ou leite condensado, ambos deliciosos, seguíamos para nossa aula com a Tia Eleninha. Na sala, decorada com móveis azuis e perfumada com cheiro de massinha de modelar, tínhamos como primeira tarefa vestir nossas cadeiras com nossas lindas capinhas, onde ficavam guardados nossos cadernos de desenho e de linhas verdes, além das caixas de lápis de cor (poucos alunos tinham o lápis verde-água...) e de giz de cera e do estojo (o meu era lindo, com o desenho de um elefante sendo desequilibrado de uma corda bamba por um pequeno rato, com divisões para lápis preto, borracha, apontador e lápis colorido).

Nas mesas, com quatro lugares, passávamos algumas horas desenhando (no meu caso, casas com chaminés, ladeadas por cercas e macieiras, com uma princesa, entre a casa e a macieira, na companhia de um cão, algumas gaivotas e um sol sorridente), fazendo exercícios no caderno de linhas verdes (exercícios dolorosos para quem não sabia segurar o lápis, como o da onda-vai-onda-vem, o número dois com laçada, os tracejados, as vogais, a letra *j* e tantas outras letras doloridas) e observando a Tia Eleninha trabalhar sossegada em sua mesa grande colocada em uma parte mais alta da sala.

Às vezes, saíamos da sala para ficar algum tempo raspando no chão de concreto uma latinha de refrigerante que, depois de bem raspada, ficava sem a tampa de um dos lados e virava porta-lápis. Era a reciclagem já nos anos de 1980. Também saíamos para o recreio, quando eu não entendia por quais motivos precisava ficar correndo na quadra, quando o que eu queria era sentar um pouco embaixo das árvores. A merendeira proibia o uso das sombras para descanso. Aprendi com ela que toda criança precisava correr na quadra por alguns minutos, todos os dias. Também aprendi a importância de ficar em silêncio para conquistar

o primeiro lugar na fila (só não aprendi como atingir esse silêncio absoluto...). E aprendi os múltiplos usos dos potinhos de Yakult (mas essa já é outra história!).

Hoje, anos 2010, já adulta, percebo que as ações realizadas em minha vida, nos anos de 1980, foram extremamente decisivas para tudo o que viria depois. Atuando como docente em um curso de formação de professores, descobri que aprendi com a Tia Eleninha muito mais do que ela realmente desejou me ensinar. Essas aprendizagens me levaram a buscar outras formas de organização das escolas que recebem crianças pequenas. Trouxeram-me até o curso de Pedagogia, no qual tento descobrir se as Tias Eleninhas dos anos 2010 valorizam as brincadeiras de faz-de-conta que eu fazia com meus lápis coloridos quando a tia – que não era tia – não estava olhando. Se elas valorizam o desejo que eu tinha de conversar com colegas que não estavam sentados em minha mesa com quatro lugares, se estimulam a criação de desenhos diferentes daqueles únicos que eu achava que sabia fazer, enfim, se observam o esforço para aprender inclusive aquilo que não se pensa em ensinar.

Um dia desses, conversando com minha mãe, fiquei surpresa quando ela disse que a Tia Eleninha perguntou por mim. De imediato, para espanto meu, perguntei sem pensar, com certa ironia: “- Mas ela se lembra de mim?”

Depois, refletindo, arrependi-me da pergunta feita com certa maldade. Tantas crianças já passaram pela trajetória da Dona Eleninha que seria injusto esperar que ela se lembrasse de todas. Percebi que, no fundo, a dúvida surgiu porque hoje sei, pelas tantas lembranças da pré-escola, que minha trajetória naquele ano de 1980 foi marcada por sentimentos de fracasso e angústia gerados por uma relação entre professora e aluna caracterizada pelo distanciamento.

Distanciamento que, hoje, faz com que eu tente me aproximar cada vez mais das professoras de Educação Infantil que, nas creches e pré-escolas, ajudam as crianças pequenas a crescer, educando-as e cuidando delas, da forma que sabem e que consideram a melhor.